



Anais do XIV Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"

24 a 25 de setembro de 2020



Volume XIV, n. 15, set. 2020
ISSN: 1982-3657 | Prefixo DOI: 10.29380

EIXO 15 - ARTE, EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE. MÚSICA.

Editores responsáveis: **Veleida Anahi da Silva - Bernard Charlot**

DOI: <http://dx.doi.org/10.29380/2020.14.15.18>

Recebido em: **31/08/2020**

Aprovado em: **04/09/2020**

PERCURSOS POSSÍVEIS: PASSEANDO ENTRE A HISTÓRIA DA DANÇA DO VENTRE E SEU ENSINO NO ESTADO DE SERGIPE; POSIBLES RUTAS: PASEANDO ENTRE LA HISTORIA DE LA DANZA DEL VIENTRE Y SU ENSEÑANZA EN EL ESTADO DE SERGIPE; POSSIBLE PATHWAYS: WALKING BETWEEN THE HISTORY OF BELLY DANCE AND ITS TEACHING IN THE STATE OF SERGIPE

MARIA LUCIVANIA DOS SANTOS

[HTTPS://ORCID.ORG/0000-0002-8939-5170](https://orcid.org/0000-0002-8939-5170)

ANA CAROLINA FRINHANI

RESUMO: Neste artigo apresentamos uma investigação histórica sobre a dança do ventre, desde as pistas deixadas ainda na pré-história até sua chegada no estado de Sergipe (SE). Nela temos o objetivo principal de criar material escrito de consulta e análise que pode corroborar com o aprendizado de estudantes e profissionais da área, especialmente porque acreditamos que a dança do ventre é uma fonte rica para o desenvolvimento de estudos teórico práticos em dança. Para isso, utilizamos revisão bibliográfica e imagética, coleta de dados, observação de campo e aplicação de questionário como estratégias metodológicas desta investigação. Seguimos acreditando que estudos como este enriquecem a nossa prática em dança e apontam novos caminhos mais significativos de ensinar e aprender.

Palavras-chave: História. Dança do Ventre. Sergipe.

RESUMEN: En este artículo presentamos una investigación histórica sobre danza del vientre, desde las pistas que quedan en la prehistoria hasta su llegada al estado de Sergipe. En ella tenemos el objetivo principal de crear material escrito de consulta y análisis que pueda corroborar el aprendizaje de estudiantes y profesionales del ámbito, sobre todo porque creemos que la danza del vientre es una rica fuente para el desarrollo de estudios teórico-prácticos en danza. Para ello, utilizamos la revisión bibliográfica e imagería, la recopilación de datos, la observación de campo y la aplicación de cuestionarios como estrategias metodológicas de esta investigación. Seguimos creyendo que estudios como este enriquecen nuestra práctica en la danza y señalan nuevos caminos más significativos de enseñar y aprender.

Palabras clave: Historia. Danza del vientre. Sergipe.

ABSTRACT: In this article we present a historical investigation about belly dance, from the tracks left in prehistory until its arrival in the state of Sergipe. The main objective is creating written material for consultation and analysis that can corroborate with the learning of students and professionals in the area, especially because we believe that belly dance is a rich source for the development of theoretical and practical studies in dance. For this, we used bibliographic and imagery review, data collection, field observation and questionnaire application as methodological strategies for this investigation. We continue to believe that studies like this enrich our dance practice and point out new and more significant ways of teaching and learning.

Keywords: History. Belly dance. Sergipe.

INTRODUÇÃO

- Bom dia, professora!
- Bom dia, querida!
- Estive pensando... a senhora saberia responder por qual razão a dança do ventre não está incluída na grade curricular aqui do nosso curso?
- Sei sim. Porque a dança do ventre não constitui uma técnica que pode ser trabalhada na universidade e sim uma dança apenas para entretenimento.

O diálogo descrito acima, corresponde à reelaboração da fala de uma professora do curso de Licenciatura de Dança da Universidade Federal de Sergipe (UFS) em uma conversa informal que, acabou por influenciar o desenvolvimento desta escrita. Isso porque instigou o surgimento de reflexões sobre quais poderiam ser as potencialidades da dança do ventre enquanto conteúdo educacional.

Essas reflexões nos levaram a uma viagem no tempo em busca de descobrir caminhos percorridos por essa dança até sua chegada em Aracaju/SE. Quais teriam sido os motivos para sua prática? Em qual momento histórico podemos encontrar pistas para identificarmos o teria sido sua primeira forma? Por quais mudanças ela pode ter passado? Qual seria sua forma nos dias de hoje? Como sobreviveu com/ao tempo e com/aos contextos históricos? Como é ensinada atualmente? Essas são perguntas que se tornaram força motriz para o desenvolvimento desse estudo.

Isto posto, nosso principal objetivo neste trabalho, que tem a história da dança do ventre como objeto de estudo, é coletar dados e criar material para consulta e pesquisa sobre o movimento inicial dessa dança no estado de Sergipe, paralelamente à investigação do que poderia ter sido a primeira forma da dança do ventre até seu apogeu no Brasil dos anos 2000 e sua viagem para a cidade de Aracaju/SE.

Para isso utilizamos revisão bibliográfica e imagética, coleta de dados, observação de campo e aplicação de questionário como estratégias metodológicas deste trabalho que está organizado em três tópicos: *Entre encontros e Desencontros a Dança do Oriente se Veste de Ocidente*, no qual utilizamos como principais referências Bencardine (2009), Mahaila (2016), Mohamed (1995) e Portinari (1989); *E o Shimmie Abrasileirou*, à luz de principalmente de publicações em sites e revistas de dança do ventre; *Acontecimentos dancísticos ventrais em Aracaju*, sob os olhos das pioneiras da dança do ventre em Aracaju/SE e nossa própria experiência com essa modalidade de dança.

Esperamos que este estudo possibilite o acesso de professoras às nossas investigações históricas sobre a dança do ventre, especialmente as de Sergipe, abrindo precedentes para que encontrem no campo da leitura e da escrita estímulos que as levem a revisitar sua prática docente em dança ou que, pelo menos, encontrem um motivo para continuar dançando.

ENTRE ENCONTROS E DESENCONTROS A DANÇA DO ORIENTE SE VESTE DE OCIDENTE

No senso comum, a dança do ventre ficou conhecida como uma modalidade de dança que trabalha com movimentos codificados seguindo o ritmo de músicas orientais. Geralmente, a maior procura

por essa prática no Brasil, é de mulheres interessadas em entretenimento, atividade física, ou forma de desenvolver a sensualidade. Mas, se nos debruçarmos sobre as origens primordiais da dança do ventre, podemos descobrir outras motivações para vivenciar essa modalidade de dança e explorar o seu potencial educacional.

Especula-se que a dança do ventre pode ter tido suas origens na Mesopotâmia, Suméria e no Antigo Egito, repleta de sentidos e significados que a associam ao sagrado feminino e à conexão do humano com a Deusa Mãe. No entanto não podemos esquecer que antes de ser categorizada, ou identificada, como *Dança do Ventre*, esta era parte do grande campo da Dança.

Nesse sentido, podemos pensá-la como parte do movimento de transformação histórica da dança, desde os primórdios da humanidade, pois “antes de polir a pedra, construir abrigo, produzir utensílios, instrumentos e armas, o homem batia os pés e as mãos ritmicamente para se aquecer e se comunicar” (PORTINARI, 1989, p.11). Dessa forma, a dança vem se fazendo e com ela fazendo sua história, sempre mutável, “da caverna à era do computador” (PORTINARI, 1989, p.11).

Bourcier (2001, p.1) nos alerta para o fato de não deixarmos a nossa imaginação vagar sobre as provas deixadas nesse período, mas, ainda assim, nos apresenta um apanhado histórico da dança que passeia desde o Paleolítico até a Antiguidade Clássica e acaba por nos revelar, no primeiro capítulo do seu livro, que “a primeira dança foi um ato sagrado”.

Essa informação nos faz pensar sobre a origem primitiva e ritualística da dança do ventre, e sua conexão com os cultos do sagrado feminino. Segundo Mahaila (2016, p.25) o “ventre sagrado das mulheres era reverenciado em honra à Grande Mãe nas civilizações pré-suméricas”. Essas reverências estavam diretamente ligadas à fertilidade feminina e à deusa cuja imagem era a de uma mulher de seios fartos e quadris largos. Biotipo este que definia o ideal de feminilidade desse período, justamente pelo favorecimento ao parto e à fonte abundante de alimento para o bebê.

Bencardini (2009, p.27) nos fala sobre a existência de cultos do sagrado feminino no Paleolítico, nos quais as mulheres eram divinizadas por serem capazes de gerar filhos e perpetuarem a espécie. De acordo com a autora, essas mulheres forjavam e utilizavam amuletos de barro com formas femininas roliças de ventre e seios fartos, pois acreditavam que tal objeto era capaz de torná-las mais férteis. A autora destaca também a falta de conhecimento sobre a participação do homem na procriação e discorre à respeito da crença dessa época que atribui ao útero da Grande Mãe (a mãe divina) à criação do universo num ciclo gestacional de nove meses. Bencardini (2009, p.28) ainda nos diz que o “úteros das mulheres eram reverenciados como sagrados. Acreditava-se que as mulheres grávidas estavam impregnadas, ou possuídas, pela essência divina”.

Nas civilizações pré-suméricas, as mulheres confiavam na proteção da Deusa Mãe durante todo o período da gestação e durante o parto e “dançar era uma forma de superarem o medo desse processo” (MAHAILA, 2016, p.25). Assim, elas praticavam rituais de dança em honra à deusa e também dançavam em rituais de fertilidade nos quais executavam movimentos que remetiam ao momento do parto.

O ideal de feminilidade desse período, ilustrado pela figura da mulher roliça, também representava a Deusa Mãe no Neolítico, período no qual as danças femininas ganharam ainda mais importância. Isso porque, com o surgimento da agricultura, os rituais femininos eram direcionados também à fertilidade da terra. De acordo com Bencardini (2009, p.32) nesses rituais, haviam sacerdotisas que “expunham seus ventres sagrados, fazendo-os dançar, vibrar e ondular”.

Segundo Mahaila (2016, p.25), em alguns cultos femininos praticados nesse período, as mulheres eram treinadas para as funções maternas e sexuais. Todo processo era realizado pelas anciãs, que passavam seus conhecimentos para as jovens moças. Nesses cultos eram praticadas danças nas quais às mulheres cantavam e marcavam o ritmo dos tambores com movimentos que as levavam ao transe e, assim, elas acreditavam que poderiam se conectar com a Deusa. Além disso algumas adolescentes

eram escolhidas, por sua habilidade com a dança e facilidade para entrar em transe, para serem guardiãs dos templos (BENCARDINI, 2011, p.28).

Ao analisar registros de rituais de diferentes culturas de povos desse período, a autora encontra semelhanças na busca pela conexão do divino através da dança e conclui que, praticamente, “todas as danças pesquisadas originárias desses rituais possuíam movimentos de quadris, que conectavam a mulher com os ciclos da natureza, garantindo a ela a renovação das forças e o aumento da fertilidade através da dança” (MAHAILA, 2016, p.25).

Essas informações nos fazem refletir sobre a forma da dança nessa época e sua relação com o que conhecemos hoje como dança do ventre. Ora! Se o útero era considerado sagrado e a dança o meio de comunicação ritualística entre a mulher e o divino, então como podemos imaginar a execução de tal dança sagrada? Acreditamos que tais movimentos, associados à ideia de parto e coito, poderiam acontecer em forma de ondulações, contrações e vibrações pélvicas e ventrais. Acreditamos também na forte presença de movimentos respiratórios nesses rituais. Isso porque a respiração é força motriz no momento do parto, pois ajuda no alívio da dor e auxilia a saída do bebê, além de remeter ao ato sexual.

Doravante, executado continuamente de forma dinâmica, o movimento respiratório pode levar uma espécie de vágado, episódios de vertigens, tonturas, desequilíbrios, desmaios ou outras sensações. Essas sensações podem ter sido associadas, por esses povos pré-históricos, ao que eles acreditavam ser o transe que os conectavam ao poder divino. Dessa forma, acreditamos que os movimentos respiratórios podem ter tido forte presença nestas cerimônias femininas.

Pomos fé aqui que esses movimentos realizados nestas cerimônias podem ter ressonado nos passos de dança do ventre que hoje intitulamos: *redondo*[1], *oito*[2], *camelo*[3], tremido ou *shimmie*[4], *batida pélvica*[5], *vibração abdominal*[6], *contração diafragmal*[7], entre outros. Todos esses passos seguem o princípio de movimento pélvico ventral e respiratório, característico dos cultos primitivos do sagrado feminino e que nos dias atuais regem a dança do ventre. Esta é uma das razões que nos levam a crer que a dança do ventre que conhecemos hoje possa ter dado seus primeiros passos ainda no Paleolítico.

Tão grande era a importância da mulher nessa época que, mesmo com a organização social que dividiu as tarefas por gênero, algumas sociedades primitivas se organizaram dentro de um sistema matriarcal, no qual a linhagem dos filhos era definida pela prole da mãe e não do pai. Só depois, com o estabelecimento da cultura agropecuária, momento em que o homem descobre sua participação na procriação e desenvolve a noção de propriedade, é que há uma ascensão do patriarcalismo, enfraquecendo os cultos a Deusa-Mãe em algumas regiões.

Segundo Mahaila (2016, p.25), “o homem entendeu seu papel na criação da vida e passou a acreditar que era o único responsável por ela, restringindo a mulher a mero veículo”. A partir daí a mulher deixou de ser vista como um ser sagrado e passou a ser governada sob as leis dos homens, a quem foi dada autoridade absoluta sobre a família (MAHAILA, 2016, p.25) e, com o tempo:

De deusa, a mulher passou a ser propriedade; primeiro de seu pai e depois de seu marido. Quando gerava filhos, era apenas para dar continuidade à linhagem masculina. Então vieram práticas como a do dote, em que o pai recebe dinheiro, propriedades ou mercadorias, quando “concede” a mão da filha em casamento. (BENCARDINI. 2011, p.34)

Com esses acontecimentos, as divindades femininas foram trocadas pelas masculinas. No entanto, secretamente, durante séculos, muitas mulheres continuaram a reverenciar as deusas e, para Mahaila (2016, p.28), a dança do ventre, de alguma forma, possibilita que as suas praticantes continuem a

celebrar a sua feminilidade até os dias de hoje. Mesmo depois da virada do politeísmo para monoteísmo e da tomada hegemônica do cristianismo e do islamismo, que tentaram imputar a dança dos costumes populares, ela conseguiu se manter viva e, portanto, possível de ser investigada e associada às danças que realizamos em outros períodos históricos.

A Antiguidade, próximo período histórico, carrega muitos vestígios das danças da pré-história e é no Antigo Egito que encontraremos registros de figuras em relevo nas paredes dos templos que mostram a dança como fins religiosos e, também, como forma de diversão. De acordo com Bourcier (1987, p.14), o Egito, desde o neolítico até o ano 30 antes de nossa era, praticou amplamente a dança, na forma de dança sagrada e depois de dança litúrgica e, enfim, de dança como recreação.

Algumas pinturas rupestres, legadas do período neolítico, são encontradas por arqueólogos no Antigo Egito, apresentando semelhanças com as pinturas encontradas na África do Sul e no Tassili (BOUCIER, 1987, p.14). Entre essas pinturas destacam-se a ilustração de uma roda em torno de um personagem mascarado e a de uma roda de mulheres de mãos dadas. Além disso, nos túmulos dessa época, se encontram ilustrações de dançarinos e dançarinas, “aparentemente especializadas, acompanhando cortejos fúnebres e guiando os defuntos até o limiar de sua vida pós-terrestre” (BOUCIER, 1987, p.14). Esses desenhos, também mostravam algumas sacerdotisas-bailarinas dançando em rituais e festas.

Na Antiguidade politeísta o panteão egípcio, diferentemente da maioria dos panteões de outras culturas dessa época, continha deuses de ambos os sexos com grau semelhante de importância. Isso se refletia na organização social, sendo o Egito uma das poucas sociedades dessa época com fortes vestígios matriarcais presentes.

Uma importante deusa desse panteão é Hathor que, derivada da entidade Nakara (5000 a.C), pode ser considerada patrona da dança e uma representação divina legada dos cultos primitivos do sagrado feminino (PORTINARI, 1989, p.20). Hathor é representada por uma vaca com um disco solar entre os chifres e aparece em papiros e em desenhos no interior de pirâmide associada à palavra *hbij*, que significa ao mesmo tempo dançar e estar contente, ela recebia cultos festivos com duração de até quinze dias seguidos (Portinari, 1989, p.20).

Mais para frente Hathor passou a ser associada a deusa Ísis, irmã e esposa de Osíris e mãe de Hórus. Juntos, esses deuses formavam a trindade Básica da religião egípcia e tinham o festival de Abydos como seu principal evento de adoração. Neste, os sacerdotes entravam no templo em procissão solene utilizando “máscaras e um gestual estipulado, acompanhados por cantos e danças” (PORTINARI, 1989, p.21). Segundo Portinari (1989, p.22) toda a cerimônia seguia indicações de hieróglifos, o que garantia a repetição esquematizada do evento no qual se pode identificar elementos do teatro como espetáculo, mesmo se tratando de uma cerimônia ritualística. Essa preocupação com a repetição “levou os egípcios a uma primeira notação gráfica da dança através dos hieróglifos” (PORTINARI, 1989, p.22) que a descrevia como sendo “severa, angulosa, com alguns movimentos acrobáticos como a ponte: pés e mãos apoiados no solo sustentam o corpo arqueado. As imagens raramente indicam saltos. O acompanhamento musical era feito por sistro, flauta, tambor (PORTINARI, 1989, p.22).

Segundo Mahaila (2016, p.27) a dança ocupava um lugar de importância extrema nessa época e, por isso, os egípcios desenvolveram a noção de registro e preservação dela através da escrita em papiros, nos deixando assim, fonte para identificá-la nesse período como planejada, roteirizada e com diversidade rítmica. É possível que essa fonte de registros, como indica Bencardini (2009, p.41), faça com que alguns autores apontem o Antigo Egito como um dos berços da dança do ventre.

Em meados de 1400 a.C. a dança que parecia ter finalidade ritualística passou por mudanças significativas (PORTINARI, 1989, p.20), incorporando novos instrumentos e indumentárias (MAHAILA, 2016, p.27). Como pode ser visto em pinturas encontradas em necrópoles que retratam dançarinas com muitos adornos, túnicas transparentes, às vezes completamente nuas e outras vezes

com vestimentas semelhantes ao que conhecemos hoje como biquíni, algumas ainda utilizando um largo cinturão que alcança a parte dianteira dos pés (MOHAMED, 1995, p.21).

A dança do ventre carregou inúmeras características legadas do Antigo Egito: a maquiagem que marcou fortemente os olhos das dançarinas do ventre nos anos noventa; os movimentos acrobáticos, como a ponte e as ondulações ao solo; os movimentos de braço que se baseiam em formas geométricas; os acessórios luxuosos; as vestimentas que revelam o corpo; a saia de tecido leve e fino alongada pelas pernas; o ventre nu; os movimentos associados aos instrumentos musicais; etc.

Convertida então em tantas outras categorias, formas e motivos, a dança, que carrega os vestígios ancestrais do sagrado feminino, se materializa até certo ponto da Antiguidade Egípcia sendo transmitida de mãe para filha, momento em que surge também a figura da dançarina professora que, em alguns casos, famílias muito ricas contratavam para ensinarem suas filhas a dançarem com o intuito de prepará-las para o

Infelizmente, a disseminação do monoteísmo absolutista, marcado pelo cristianismo e o islamismo, entre os séculos IV e VIII d.C, no Egito e em todo Oriente Médio, se esforçou para banir as danças femininas que tinham relação com a celebração da sexualidade e da fertilidade e, para isso, extinguiram os rituais ligados à veneração das deusas (MAHAILA, 2016, p.28) e, Mais adiante, o Islamismo acabou por banir completamente qualquer tipo de dança, fosse ela ritualística ou festiva.

Seguindo um dos princípios básicos da religião as mulheres foram proibidas de mostrar seu corpo na presença de estranhos, sendo as dançarinas as únicas que poderiam transgredir essa regra (MAHAILA, 2016, p.28). Com isso o corpo feminino é encarcerado pela *burqa*, passando a ser um tabu social e se estabelece a mulher equanto propriedade dos homens, primeiro dos pais e depois de seus irmãos ou maridos. As danças femininas ficam assim praticamente restritas ao interior das casas e dos *haréns*. Mas graças à interação das mulheres nesses espaços a dança permaneceu viva (MAHAILA, 2016, p.29).

Nos *haréns*, sempre sendo propriedade de um homem muito rico, viviam grupos bastante diversificados de mulheres: nobres, escravas e serviçais e essa convivência diversificada possibilitou o aparecimento de novos costumes e novas formas de dança. Algumas dessas habilidades em dança se tornaram bastante úteis como estratégia de sedução na competição pela atenção dos seus senhores (MAHAILA, 2016, p.30). Nesta época, muitas escravas se tornaram exímias dançarinas, passando a custar pequenas fortunas, e a viajarem para se apresentarem em diversos palácios à serviço do seu senhor (BENCARDINI, 2009, p.35).

Fora dos palácios e haréns se apresentavam as beduínas e as ciganas no que se tornou uma espécie de caravana circense. O que fez com que as comitivas das guerras napoleônicas tivessem acesso a aspectos da cultura egípcia, especialmente quando conheceram as “*Awalim*” - artistas recatadas que não dançavam - e assistiram as danças femininas feitas pelas “*Ghawazee*” - ciganas forasteiras/dançarinas que se apresentavam em praças, feiras, festas de rua, portas de restaurantes e hotéis - (MAHAILA, 2016, p.30).

Esses eventos passaram a ocorrer com mais frequência depois da chegada de Napoleão ao Egito. Inclusive, foi nesse período que essa dança recebeu o título de *dança do ventre*. O termo original é *raks el sharq* que, traduzido do idioma egípcio para o português, significa *dança do leste*. Os egípcios dizem que a melhor tradução para o termo em inglês seria *oriental dance, belly dance*, o que em português se leria *dança do oriente*. Mas foi o termo francês, *danse du ventre*, que se manteve aqui no Brasil, traduzido para o português como *dança do ventre*.

Para que pudessem ter acesso às mulheres egípcias, os franceses promoviam festas que acabavam se transformando em grandes fontes de renda para as *ghawazee* que passaram também a se prostituir, o que pode ter contribuído com o fortalecimento da exploração do corpo feminino como objeto de desejo por meio da dança, tão presente na cultura ocidental até os dias de hoje. A prostituição, a

derradeira dos soldados e a tomada de poder por Mohammed Ali acarretaram na decapitação de várias *Ghawazees* e seu posterior banimento das vias públicas do Egito.

As *ghawazee* deram uma contribuição significativa para a história da dança do ventre, uma vez que até hoje utilizamos movimentos e indumentárias bastante similares aos delas, dentre elas: As *batidas* e *shimmies*, a utilização dos *snujs* (instrumento musical utilizados nas mãos que remetem a mini pratos de bateria), adereços de cabelo, joias e lenços com medalhas amarrados no quadril, túnicas e calças bufantes, muitas dançavam seminuas com roupas transparentes (MOHAMED, 1995, p.51).

As embarcações que faziam o trânsito dos soldados durante as expedições Napoleônicas ao Egito também levavam artistas europeus (pintores, escritores e poetas). A ideia era coletar informações através das observações e relatos desses artistas que acabaram incitando o interesse dos ocidentais pela cultura oriental, principalmente pelas dançarinas sinuosas. Acontecimento que, como critica Said (1999, p.34), acarretou em uma visão muito distorcida da realidade, apresentando dançarinas seminuas sempre disponíveis para o sexo e “a ideia de uma identidade europeia superior a todos os povos e culturas não europeus” (SAID, 1999, p.34). Dessa forma as dançarinas egípcias foram ficando cada vez mais conhecidas na França e depois em toda Europa e no mundo e o Egito passou a atrair cada vez mais turistas estrangeiros interessados em ver essas dançarinas (MOHAMED, 1998, p.27).

Enquanto isso, no Egito, a dança do ventre foi sofrendo cada vez mais influências ocidentais. Com sua fragmentação surgiram outros dois tipos de dança: uma dança popular, que acontecia em praças, casamentos e feiras locais; e outra que absorveu outros tipos de trajes e passos, que aconteciam nos teatros e boates (MAHAILA, 2016, p. 39). Essas novas dançarinas recebiam o nome de *bellydancers* ou *raqsat* e faziam um trabalho distinto ao das *gawasee* (MAHAILA, 2016, p.39).

Na segunda metade do século XIX o Ocidente passou a receber dançarinas do mundo árabe. Estas se apresentavam como atração principal em grandes feiras de exibição de diferentes aspectos da cultura mundial (MAHAILA, 1996, p.39). O sucesso das dançarinas foi tão grande que elas tiveram sua imagem amplamente registrada por câmeras, na primeira metade do século XX e, com a expansão do cinema, na segunda metade do século XX, área na qual várias delas chegaram a atuar como atrizes, a dança passou a ser amplamente divulgada pelo mundo.

Uma espécie de febre da dança oriental se instalou na Europa nesse período. Todos queriam ver as tais dançarinas, que passaram a ser conhecidas como *dançarinas exóticas*. Em todo lugar apareciam mulheres, trajadas com véus coloridos, fazendo exibição de movimentos ondulatórios e alegando serem descendentes de árabe, com o intuito de valorizar o seu trabalho (MAHAILA, 2016, p.39). As dançarinas exóticas inspiraram desde romancistas europeus do século XIX à artistas da dança do século XX mundialmente conhecidas como Ruth Sat Dennis e Loie Fuller.

Sobre a dança do ventre propriamente dita podemos entender que ela tenha tomado dimensões bem distantes do que Mahaila (2016, p.40) chama de “espírito do oriente”, tornando-se cada vez mais ocidental ao misturar-se a elementos de outras danças europeias e americanas, incorporando, entre outros, as cinco posições de braço do balé clássico, além de movimentos como o *arabesque* (pose em arabesco) *pirouette* (giro sobre uma perna) e *battement* (lançamento de uma perna para alto)

Segundo Mohamed (1998, p.42), mesmo que algumas dançarinas ainda tentem preservar a tradição, a dança do ventre perdeu muita da sua espontaneidade, sendo codificada, metodologizada e espetacularizada. Nós, contudo, acreditamos que é um movimento inerente a existência da dança esse o de se relacionar com os acontecimentos históricos e de sofrer constantes mutações. Reconhecemos a compreensão de que há riqueza tanto na preservação das tradições como nas mudanças que as danças sofrem com o passar do tempo.

E O SHIMMIE ABRASILEIROU

O objetivo dessa escrita não é apenas o de investigar as possíveis origens da dança do ventre, mas identificar algumas transformações pelas quais ela pode ter passado até chegar a nós. Existem poucas literaturas que falam sobre a chegada da dança do ventre no Brasil, no entanto, encontramos alguns escritos que atribuem à vinda dessa dança através da imigração do povo árabe por volta dos anos 1880 a 1885, sírios e libaneses fugidos das guerras civis em seus países de origem (MAHAILA, 2016).

O estado de São Paulo foi o que mais recebeu imigrantes sírios e libaneses, tendo estes se concentrado principalmente no centro comercial e bancário da capital, na Rua 25 de Março e mediações. A maior parte dos imigrantes exerceram o ofício de mascate e abriram lojas de tecido, roupas e armarinho, entre os anos 1910 e 1914. Assim, foram criando residências fixas nas proximidades da Avenida Paulista e, ao se darem conta de sua permanência no país, construíram escolas, restaurantes e clubes, alguns deles famosos até hoje, como o *Homes* e o *Sírio* (KUSSUNOKI, 2011, p.43)

Brasileiros e árabes passaram a interagir e, claro, a influenciar na cultura um do outro. Sempre muito festeiros, os árabes estavam envolvidos em eventos sociais, comendo, cantando, tocando e dançando. Acreditamos que dessa maneira a dança do ventre possa ter sido atração em algumas dessas festas e que com isso, além da sua veiculação pelas mídias e indústria cinematográfica, sua prática tenha se disseminado pelo país.

Com o passar do tempo, a dança do ventre se tornou a profissão de algumas mulheres que recebiam cachês para se apresentarem em restaurantes e festas. As primeiras dançarinas a se destacarem foram Zuleika Pinho e Shahrazad Shhid SharKey, hoje consideradas pioneiras da dança do ventre no Brasil.

Zuleika Pinho, em entrevista publicada no site de dança <https://www.centraldancadoventre.com.br>, em 2009, fala que sua primeira apresentação de dança do ventre ocorreu em 1954. Ela diz ter iniciado sua carreira fazendo aulas de balé clássico e que aos quatorze anos foi convidada para fazer um show de dança do ventre num clube árabe e, mesmo sem ter noção do que se tratava, aceitou o convite e acabou dançando “por intuição”, uma vez que nunca havia visto uma dançarina árabe ao vivo, tão somente em vídeos e filmes americanos. Segundo Zuleika, ela foi aplaudida e convidada a fazer novos shows, recebendo alguns anos depois, o título de rainha da dança do ventre entre os jornais e revistas da época. Depois de aprender alguns passos de dança assistindo vídeos de Samia Ganale, na *TV Record*, nos anos 60, foi aperfeiçoando seu estilo e deu aulas por alguns anos.

Shahazad Shhid SharKey, por sua vez, era uma imigrante da Palestina que chegou ao Brasil em 1957. Ela havia dançado na Síria e Beirute e, no Brasil, tratou de disseminar este estilo dança apresentando-se em vários programas de televisão em canal aberto. No final de 1984, Shahazad começou a oferecer aulas particulares para mulheres que tinham o interesse de aprender os passos de dança do ventre e acabou recebendo uma demanda tão grande que gravou e divulgou, nos anos noventa, videoaulas com sua metodologia de ensino e acabou formando várias dançarinas importantes no país. No ano de 1998 ela lançou o livro *Resgatando a Feminilidade - Expressão e Consciência Corporal pela Dança do Ventre* (MAHAILA, 2016, p.57).

Antes da aparição desses primeiros vídeos didáticos, era difícil encontrar material para estudo dessa dança na língua portuguesa e as aulas eram escassas, existiam poucas bailarinas que ensinavam o pouco que conheciam. Muitas eram amadoras e com poucas informações para realizarem uma boa apresentação de dança do ventre. Algumas delas contavam com a ajuda dos músicos árabes e boa parte das apresentações era por improviso, algo comum e valorizado entre as dançarinas, pois atestavam o seu conhecimento e habilidade. Mas com o passar do tempo a necessidade de se especializar fez com que essas dançarinas criassem e consumissem novas propostas de movimento, cursos e workshops em diversos lugares do país. Dessa forma, a dança do ventre foi se profissionalizando e o mercado de trabalho foi aumentando.

Um dos acontecimentos destaques foi a inauguração da casa de chá *Khan El Khalili*, na década de 1980, em São Paulo, que três anos depois também passou a oferecer shows noturnos, apresentando dançarinas como já conhecida Shahazad e lançando novas dançarinas como a autodidata Samira, que passaram também a ministrar aulas de dança do ventre oferecidas pela casa. Com o passar tempo, várias casas de chá foram se abrindo pelo país, se tornando uma espécie de moda no início dos anos 2000. *Khan El Khalili* foi palco para várias dançarinas da época com destaque para Rita, Selma, Rosana e Mileidy e, posteriormente, uma nova geração: Lulu, Fátima Fontes, Nájua, Kareema e Laila.

Entre essas, Lulu se destaca porque acabou sendo considerada até os dias de hoje uma grande referência da dança do ventre no Brasil. Ela iniciou sua trajetória na *Khan El Khalili* como espectadora e depois passou a ser bailarina e professora. Iniciou os seus estudos na dança do ventre com Shahazad e posteriormente estudou com grandes dançarinas e músicos dos países árabes. Casou-se com Jorge Sabongi, proprietário da *Khan El Khalili*, se tornando sua sócia e desenvolvendo com ele um selo padrão de qualidade de dança do ventre no Brasil, que selecionava dançarinas, a partir de certos critérios, para receberem esse título, o que acabou conceituando a casa como um centro de referência. Além disso, Lulu desenvolveu vários vídeos didáticos nos quais ensinava várias técnicas de dança do ventre e exibia alguns estilos para se dançar (um dos principais estilos era a dança com o véu de seda).

A febre da dançarinas exóticas que arrebatou os europeus da *Belle Époque* e invadiu as telas de cinema da segunda metade do século XX, chega ao seu apogeu no Brasil nos anos 2000 tendo influenciado o tema da novela *O Clone*, exibida pela rede globo em 2002, o que impulsionou ainda mais a disseminação da dança do ventre no país. Tecendo tramas de relações entre brasileiros e árabes, esta novela exibia várias cenas com atrizes, treinadas pela por Claudia Cenci, dançando.

Mas será que devemos essa grande aceitação da dança do ventre pelas brasileiros apenas à influência midiática e ao apelo à sexualidade que envolvem a disseminação dessa dança pelo ocidente? A presença do samba na nossa cultura pode ter causado certa familiaridade com a soltura de quadril, maleabilidade dos joelhos e ignição inicial dos movimentos pelos pés presentes na dança do ventre? A referência de corpos roliços e curvas acentuadas na dança do ventre pode ser relacionado à certo perfil corporal associado às mulheres brasileiras, causando nelas conforto e disponibilidade para a dança? Doravante, a dança do ventre segue viagem sendo influenciada pelo Brasil, hibridizando-se ao samba e ao forró e materializando-se através dessas mulheres brasileiras que escreveram e escrevem sua história com/nos seus corpos.

ACONTECIMENTOS DANCÍSTICOS VENTRAIS EM ARACAJU

Devido à escassez de fonte de publicações sobre o tema, nesta parte da escrita, seguimos pistas sobre a chegada da dança do ventre no estado de Sergipe e encontramos fonte rica nos relatos de mulheres que ficaram conhecidas pelo seu protagonismo com a dança do ventre no local. Realizamos então, no ano de 2017, a aplicação por meio eletrônico de questionários idênticos para cada uma das participantes.

Dentre esses relatos começamos destacando Leila Duarte, educadora física e arquiteta, que veio de São Paulo/SP fixar residência em Aracaju/SE. A dançarina nos disse que entre suas idas e vindas à São Paulo, ela foi assistir a uma apresentação de dança do ventre na famosa casa de chá *Khan El Khalili*. Encantada com o que havia visto, decidiu começar a fazer aulas e em pouco tempo começou a ensinar a dança do ventre em Aracaju, tendo sua primeira turma entre os anos 1994/1995 na academia *Galpão*.

De acordo com Leila, a aceitação por parte dos alunos foi imediata e ela começou a dar aulas em

outros espaços como a academia *Paulo Bedeu*, a escola de dança *Célia Duarte* e a *Studium Danças*. Segundo ela, o público tinha um perfil diversificado, que variava entre adolescentes, mulheres adultas e “senhoras” e, para o desenvolvimento das suas aulas, ela utilizava o maior número possível de “técnicas”, mas acabou desenvolvendo um jeito próprio de ensinar. Segundo ela:

Minha forma de ensinar era A, E, I, O, U. Partia de movimentos básicos de tronco e de quadril, de forma que as alunas comessem a soltar a musculatura e as articulações [...] fazendo com que as alunas não temessem o movimento. Porque o movimento sinuoso, até então, era um tabu. As pessoas eram mais travadas e eu tive que adequar as minhas aulas em relação a isso. Com o fato de soltar e relaxar, preparar o corpo para uma nova realidade. (LEILA DUARTE – resposta ao nosso questionário aplicado em 2017)

Depois de algum tempo Leila escolheu outros caminhos profissionais e parou de trabalhar com dança, mas muitas de suas alunas seguiram dançando e se especializando. Algumas delas atuam hoje como profissionais da área e, sobre isso, Leila diz: “Me sinto muito feliz e engrandecida porque a semente da dança do ventre foi plantada em Aracaju”.

Outra mulher que contribuiu para a chegada da dança do ventre em Sergipe foi Amanda Saad, que iniciou seus estudos em 1994, na *Academia Balé e Cia* – Aracaju/SE. A proprietária dessa academia era Sandra Miranda que, segundo Amanda, fez um curso de dança do ventre em São Paulo e começou a ensinar em Aracaju, foi quando ela se identificou com essa modalidade e passou a frequentar constantemente as aulas de Sandra.

Amanda nos conta que a, então professora de dança do ventre, Sandra, vendo a sua dedicação e desempenho nas aulas decidiu intensificar o treinamento para que ela pudesse assumir algumas turmas. Ela foi assim se especializando cada vez mais, tendo sido aluna da citada Sandra Miranda, de Aracaju; Samy khoury, do Líbano; Mila Tenório, de Salvador; Mirra, de Salvador; Além de ter feito aulas na casa de chá *khanel El khalili*.

Amanda lecionou em Aracaju nos seguintes locais: escola de dança *Ballet e Cia*, academia *Passo a Passo*, *Academia Galpão*, *Academia Giansante* e *Colégio Graccho*. Segundo ela, seu público alvo variava entre crianças a idosos. Amanda seguiu a carreira de dançarina e atua como professora de dança do ventre até hoje. Sobre sua experiência com a dança do ventre ela diz: “A paixão que me faz ir além e me tornar um alguém no coração dessa terra que eu tanto quero bem”.

Por motivo de não termos conseguido contatá-la, todas as informações discorridas sobre Sandra Miranda foram obtidas através do questionário respondido por Amanda Saad e, dessa forma, pudemos apresentar Leila Duarte, Sandra Miranda e Amanda Saad como as pioneiras da dança do ventre em Sergipe. Na sequência encontramos Maíra Magno, Catarina Hora, Cecília Cavalcante e Flávia Kahyna como referências do ensino da dança do ventre em Sergipe[8].

Aluna de Leila Duarte, Maíra Magno iniciou sua trajetória na dança do ventre, em 1997, na academia *Paulo Bedeu* e depois na escola *Studium danças*. Num primeiro momento, Maíra se interessou pela dança do ventre por motivo da sua ascendência Libanesa e logo depois seu interesse pela dança aumentou e ela foi estudar através dos vídeos de importantes dançarinas da ventre da época, o que, segundo a dançarina, também possibilitou que ela se aprofundasse nos estudos referentes às origens históricas de tal dança.

A lista de mestres que Maíra nos apresentou em questionário é bastante extensa, entre eles estão figuras Mohamed Reda, Amir Thaleb e Zaza Hassan. Ao se tornar professora, em 1998, na *Balanceio Escola de Dança*, Maíra ensinava de forma bastante parecida com a de Fadua Chuffi, um

de seus mestres, mas acabou desenvolvendo sua própria maneira de ensinar. Ela também ensinou no *Centro de Cultura e Arte - Universidade Federal de Sergipe (CULTART-UFS)*, *Academia Passo a Passo*, *Serviço Social do Comércio (Sesc)*, *Centro de Meditação Osho Gunhá*, *Centro Artístico de Dança (CAD)*, *Escola Municipal de Artes*, *Centro de Criatividade* e academia *Paulo Bedeu*. Hoje Maíra ainda atua como professora de dança.

Catarina Hora, como é conhecida artisticamente no Estado, também foi aluna, em 1996, de Leila Duarte. Posteriormente estudou com Lulu Sabongi, Soraia Zaied, Carla Silveira, entre outras. Ela começou a lecionar em 1998, tendo atuado com dança do ventre no seguintes espaços: *Academia Sergipana de Ballet*, *Espaço Leila Duarte*, *Império de Nefis* e academia *Paulo Bedeu*. Hoje ela ensina somente no *Fluence Danças*, escola na qual atua como diretora. Seu público alvo sempre foi bem diversificado, principalmente nas academias de ginástica.

A dança do ventre não parou de se movimentar e a crescer em Aracaju, se espalhando por outras localidades do estado de Sergipe. Dessa forma, outras gerações de professoras e dançarinas do ventre foram surgindo e, nos dias de hoje, o ensino dessa modalidade está presente na maior parte das escolas de dança e Academias de Aracaju e arredores. Dentre as figuras das gerações mais atuais de professoras e dançarinas de dança do ventre destacamos Joana Melo, Andrezza Maggi, Ana Thais Santiago e Fátima Andrade de Melo.

Andrezza Maggi iniciou sua trajetória na dança do ventre no ano de 2002 como aluna de Cecília Cavalcante. Posteriormente fez cursos de formação com professores como Suheil, participou de mostras competitivas e workshops, além de participado de um festival no Egito. Em 2008 passou a se apresentar como dançarina profissional e dar aulas de dança na *Stadium Danças*. Em 2014 começou a fazer aulas com Catarina Hora e a participar do grupo de dança do *Talibah Centro de danças*, em Aracaju.

Ana Thais Santiago, por sua vez, fez aulas com vários professores como Maíra Magno, Cristiane Oliveira, Adriano Matos, Joana Melo, Saphyra e Hayffa Mazato. Hoje ela continua fazendo cursos profissionalização em danças árabes com personalidades da dança do ventre no Brasil, além de lecionar nas escolas: *Sattva Spa*, *Centro Cubos de Dança*, *Espaço Mari Lima*, *Let's Dance* e o Estúdio *Entre as Pernas*.

Sobre o interior do estado, trazemos a referência de Fátima Andrade de Melo, de Capela, que depois de assistir a uma apresentação de dança do ventre da *Academia Sergipana de Ballet*, passou a fazer aulas, se tornando professora ao montar um espaço de dança na sua própria casa. Fátima convidou alunas de escolas públicas que tinham interesse em fazer aulas de dança do ventre gratuitamente, além disso, fez um trabalho de dança do ventre com mulheres com câncer na *Associação dos Voluntários à Serviço da Oncologia em Sergipe (AVOZOS)*. Hoje, ela adora dançar em sua casa para sua satisfação pessoal.

De geração em geração a dança do ventre deixou e ainda deixa marcas profundas na cultura da dança em Sergipe. Sendo amplamente praticada e difundida por mulheres de todas as idades, além de ser um estilo que vem despertando o interesse de jovens homens dançarinos. Um exemplo é Joelio Moura, que nos conta que enfrentou uma trajetória de “superação” desde sua escolha em começar a fazer aulas de dança do ventre, em 2007. Segundo Joelio, o preconceito em relação ao homem na dança do ventre sempre foi uma barreira a ser rompida por ele e, sobre sua experiência, ele nos diz que:

O homem na dança árabe não é bem visto nas ditas danças femininas. Eu só me senti reconhecido a partir do momento em que passei a me dedicar às danças folclóricas árabes, como o *tahtib*, que é dançada ao ritmo *said*, mais conhecido como dança da bengala ou bastão, e o *dabke*, um tipo de dança libanesa. Até os dias de hoje, mesmo atuando como professor e coreógrafo

enfrento constantes olhares críticos. (JOELIO MOURA – resposta ao nosso questionário aplicado em 2017) [9]

Os perfis de alunos do estado, na Contemporaneidade, se diversificam e a dança do ventre não para de se transformar e a receber novos praticantes e novas formas. Homens, mulheres, crianças, jovens e idosas dançam esse estilo pelos mais variados motivos. Destacamos aqui, Karol Sanme, de vinte e seis anos, que fez aulas de dança do ventre com Joelio e tem o objetivo de atuar profissionalmente na área de dança, pois é aluna do curso de Licenciatura em Dança da UFS.

Também destacamos Maria Izabel, cinquenta e dois anos, aluna da Academia de dança “*Portal Hanna Belly*”. Izabel relata que, sua experiência na dança do ventre começou a partir de uma busca pessoal da aceitação do próprio corpo e também amenização dos efeitos da menopausa, mas seus ganhos foram muito além, e permitiram que ela desenvolvesse a capacidade se apresentar em público e fazer as suas próprias coreografias para pequenas apresentações em solo.

Nem todas as pessoas convidadas(dos) responderam ao questionário, seja pela demora no retorno dos mesmos, seja pela recusa de respondê-lo. Todavia, acreditamos que com as respostas que conseguimos, associadas à observação de campo feita por nós, podemos visualizar alguns aspectos da chegada da dança do ventre em Sergipe.

Nosso interesse em aplicar esse questionário e apresentar aqui um resumo dos dados obtidos, além de fazer um panorama sobre o quadro da dança do ventre no estado, é o de criar registros que possam contribuir para futuras pesquisas nessa área. As nossas impressões no tocante aos resultados da aplicação desses questionários são as seguintes:

Vinda em primeira instância de São Paulo, local de maior concentração de comunidades árabes no Brasil, a dança do ventre passa a ser ensinada em Aracaju por duas professoras que acabam possibilitando o acesso de outras mulheres a essa dança. Algumas dessas mulheres ficam muito interessadas e vão buscar outras formas de aprender, tanto através de vídeos quanto de cursos com profissionais da dança de fora do estado e até do país. Passando então a ensinar a dança do ventre e constituindo, assim, uma nova geração de professoras e dançarinas no estado, sem falar nos homens que também começam a fazer parte desse grupo. O ciclo recomeça e novas profissionais vão surgindo, quase sempre ex-alunas(nos) das antigas professoras do estado.

Percebemos, através dessas entrevistas, que a dança do ventre no estado é ensinada em instituições formais e não formais de ensino de dança e afins, como forma de entretenimento, busca pela melhoria da saúde física e mental, atividade física, socialização ou profissionalização na área. Não identificamos nenhum grupo ou instituição que fazem pesquisa sobre o tema.

A técnica codificada, tal qual ela é hoje, foi sendo desenvolvida com o tempo, pois as primeiras professoras ensinavam por meio de regras rígidas que estipulavam o que era ou não permitido fazer ao dançar. Ressaltamos aqui, que cada professora tinha sua forma de ensinar. Elas não passaram por uma escola de formação continuada de dançarinas e professoras do ventre e, por falta de mais conteúdo, muitas delas se tornaram autodidatas, assistindo os poucos vídeos que existiam sobre dança na época, algo muito distante em conceito e forma, do que se era dançado no oriente.

Sobre o retorno das alunas (os) às professoras de dança do ventre, em quase todas as repostas, apareciam relatos semelhantes sobre a descoberta do próprio corpo, aumento da autoestima e autoconfiança e para a socialização. Outro relato que apareceu com certa frequência foi o de alunas (os) que procuravam a prática com o intuito de agradar os maridos e namorados. Da chegada da dança do ventre em Sergipe para os dias atuais, muito se transformou, novos profissionais foram surgindo, trazendo com eles novas descobertas e ampliando o ensino dessa dança pelo estado.

Percebemos também, tanto a partir das respostas dos questionários aplicados quanto da nossa

observação de campo, que, mesmo com as recentes e ainda tímidas manifestações quanto ao desejo de se estudar a história da dança do ventre, esses conhecimentos teóricos são pouco abordados. Isso é muito comum, uma vez que não se constitui como um dos objetivos do aluno que procura essa prática. Todavia, é de extrema importância que, de forma sutil, adentremos a essas questões mesmo nos espaços mais resistentes, uma vez que “a prática e a teoria não podem se separar, elas andam juntas” (FREIRE, 1996, p. 95) e a soma desses dois saberes é de suma importância para o processo de ensino-aprendizagem dos alunos (PIMENTA, 2005, p.26).

Destacamos aqui essa necessidade crescente na Contemporaneidade de se buscar um ensino-aprendizagem mais consciente da dança do ventre, que tenta agregar conhecimentos teóricos ao ensino prático da dança. Isso porque estamos atentos ao que há de conteúdo teórico, imbricado ao que se faz na prática, possibilita que corpo dançante potencialize o seu aprendizado de forma geral. Nessa perspectiva o ensino da dança que se preocupa, ao mesmo tempo, com os aspectos teóricos e práticos tem uma chance muito maior de atingir um ensino-aprendizagem mais significativo do que aquele que mantém um foco exclusivo em um ou em outro aspecto educativo. Nesse sentido:

[...] os saberes teóricos propositivos se articulam, pois, aos saberes da prática, ao mesmo tempo ressignificando-os e sendo por eles ressignificados. O papel da teoria é oferecer aos professores perspectivas de análises para compreender os contextos históricos, sociais, culturais, organizacionais, e de si mesmos como profissionais, nos quais se dá sua atividade docente, para neles intervir, transformando-os. Daí é fundamental o permanente exercício da crítica das condições materiais nas quais o ensino ocorre. (PIMENTA, 2005, p.26)

Acreditamos que conhecer e refletir sobre acontecimentos passados abre caminhos para que possamos avançar em outras direções, repensar nossas práticas e questionar o já posto, rumo a outros modos de se pensar e de se fazer dança. Dessa maneira, os estudos teóricos sobre a história da dança do ventre nos permitem compreender as nuances com que ela se apresentam na atualidade, bem como o arcabouço conceitual, simbólico e intelectual que diferenciam um estilo de dança de outro.

ÚLTIMA CONSIDERAÇÕES

A partir das questões levantadas e das explanações realizadas neste estudo, compreendemos que a dança do ventre se forja entre caminhos entrelaçados e agenciamentos múltiplos, sempre mutáveis. Contudo, buscamos neste estudo traçar um caminho histórico possível para começarmos a entender o surgimento dessa dança e, dessa forma, mesmo que não tenhamos legado registros materiais desse período, foi possível chegar a pistas nos levam a identificar vestígios do que poderia ter sido a primeira forma dessa dança ainda no Paleolítico, especialmente nos cultos do sagrado feminino.

Várias civilizações Antigas influenciaram o seu desenvolvimento e por isso não é possível atribuir o desenvolvimento da dança do ventre a um único povo. Todavia, trouxemos nessa escrita o Egito como referência de civilização que contribuiu fortemente para a história dessa dança. Foi no Egito que surgiram o que podemos chamar de primeiros desenhos coreográficos, que nos deixam patrimônio material, no qual é possível identificar a forte presença da dança nessa civilização.

Identificamos que, num primeiro período, formas que amentam a dança do ventre estiveram presentes nas danças sagradas egípcias herdadas dos cultos primitivos à Grande-Deusa-Mãe. Mas, posteriormente, configurações políticas e sociais que foram se estabelecendo nessa região, a exemplo da passagem do politeísmo para o monoteísmo e a tomada do cristianismo e islamismo, influenciaram para que as danças sagradas femininas fossem totalmente banidas. Apesar disso,

alguns estudiosos acreditam que mulheres continuaram a dançar em homenagem a Deusa de forma secreta.

Contudo, paralelo a essa proibição, por questões políticas, as danças femininas como forma de entretenimento ainda eram toleradas, embora houvessem muitas restrições de locais e de mulheres que poderiam dançar-las. Como o tempo essas danças passaram a ser o principal atrativo para os ocidentais durante as expedições napoleônicas, mesmo período em que elas passaram a ser identificadas como dança do ventre.

Com o trânsito de artistas europeus junto às tropas enviadas por Napoleão ao Egito, as danças femininas egípcias começaram então a ficar conhecidas na Europa dos finais do século XIX, porém com uma visão muito distorcida devido a prostituição das dançarinas *ghawazee* no Egito e de uma noção de superioridade Europeia. Essa visão distorcida acabou por disseminar a ideia de uma dança do ventre sexualizada por todo mundo ocidental.

Instala-se na França uma espécie de febre da dança do ventre e ela passa a ser dançada por várias dançarinas não só estrangeiras do oriente, mas pelas próprias ocidentais. Nessa conjuntura, a dança do ventre recebe influências cada vez mais ocidentalizadas, difundindo-se pelo mundo de maneira muito distante do que um dia havia sido.

Nessa perspectiva, acreditamos que a dança do ventre que conhecemos hoje pode ser entendida como uma arte também ocidental que teve como ponto de partida as danças femininas do oriente médio. Sua chegada no Brasil, atribuída principalmente às imigrações árabes, é fatalmente comprometida pela falta de informações mais específicas sobre essa dança que acaba sendo realizada quase que de forma instintiva a partir principalmente de descrições orais e cenas de dança femininas orientais no cinema. Com o passar do tempo, a dança do ventre foi se disseminando por todo o país, chegando no estado de Sergipe através de mulheres que haviam feito aulas em São Paulo e, de geração em geração, ela se tornou uma das modalidades de dança mais praticadas no nosso estado.

Com a revisão bibliográfica e imagética, coleta de dados, observação de campo e aplicação de questionário para o desenvolvimento deste estudo, acreditamos que tenhamos conseguido criar um material escrito de consulta e análise sobre linhas gerais da história da dança do ventre, das civilizações primitivas até o estado de Sergipe. Evidenciando, assim, a rica fonte de estudos para investigações teórico-práticas que é esse estilo de dança. Ressaltamos também a importância dos estudos em dança do ventre que imbricam teoria e prática para um ensino-aprendizagem mais significativo e a destacamos como uma potência para modalidades estudos acadêmicos em dança.

REFERÊNCIAS

- BENCARDINE, Patrícia. *Dança do Ventre: Ciência e Arte*. São Paulo: 2009.
- BOURCIER, Paul. *História da Dança no Ocidente*. São Paulo: Martins Fontes, 1987
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- LUBISCO, Nívia Maria. *Manual de estilo acadêmico: Trabalho de conclusão de curso, dissertações e teses*, 5ª Ed. Salvador: EDUFBA, 2013.
- MAHAILA, Brysa. *Os pilares da profissionalização em dança do ventre: História e folclore*, volume 1/ Brysa Mahaila. – 1.ed. – São Paulo : Kaleidoscópio de Ideias, 2016.
- MOHAMED, Shokry. *La Mujer y la Danza Oriental: la Danza mágica del vientre(II)*; tradução al español: Dr.Gamal Yousef. Madrid, Editora: Mandala Ediciones, 1998.
- _____ *Danza Mágica Del Vientre: Traducción al español*: Milagros Nuin Monreal, 1995.
- PENNA Lucy. *Dance e Recrie o Mundo*. São Paulo: Summus, 1993.
- PIMENTA, Selma Garrido (org.). *Saberes pedagógicos e atividade docente*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- PIMENTA, S.G. *O Estágio na Formação de Professores: Unidade Teoria e Prática? Caderno Pesquisa*, São Paulo, n. 94, p.58-73, ago. 1995.
- PORTINARI. Maribel. *História da Dança*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
- KUSSUNOKI, Sandra. *A Dança e o ventre: aparência corporal na contemporaneidade – o “mito da barriga”*. Paco Editorial: 2011.
- SAID, Edward W. *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SUHEIL. Laialy. *Glossário da Dança do Ventre: a nomenclatura técnica para esta arte milenar*. São Paulo, 2012.
- ◇ Acesso em: 05/01/2018
- ◇ Acesso em: 09/03/2018
- ◇ Acesso em: 09/03/2018
- ◇ Acesso em: 05/01/2018
- ◇ Acesso em: 05/01/2018
- ◇ Acesso em: 22/08/17
- ◇ Acesso em: 09/03/2018

◇ Acesso em: 22/08/17

◇ Acesso em: 17/08/2017

[1] Movimento circular horizontal ou vertical com o quadril ou o tronco. Neste, se desenha um círculo com a parte do corpo em questão direcionado ou paralelo ao chão.

[2] Movimento circular com as laterais do quadril. Neste, se desenha, com o quadril, o número oito na horizontal, ou na vertical, para frente, ou para trás.

[3] Movimento circular com encaixe e desencaixe do tronco e do quadril, desenhando um círculo paralelo ao chão.

[4] Tremido de quadril, abdominal, ombro ou busto. Tratam-se de pequenas batidinhas que vão acelerando e se transformando em vibrações.

[5] Contração da pelve com ênfase na parte anterior e posterior do quadril.

[6] Tremido de quadril. Trata-se de pequenas batidinhas que vão acelerando e se transformando em vibrações.

[7] Contração e dilatação do abdômem através do controle da respiração diafrágica e intercostal.

[8] Cecília Cavalcante é Mestre em Dança pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e diretora do Portal Hanna Belly. Flávia Kahyna fez parte da casa de chá e restaurante árabe Império de Nefs, que também era restaurante, escola de dança do ventre e local de apresentações de bailarinas convidadas, ela também promove todos os anos um festival de danças Árabes no Estado.

[9] Em questionário, Joelio ainda relata que ao longo desses anos percebeu semelhanças entre algumas danças árabes e brasileiras e cita como exemplo a semelhança entre a dança *sufi* e a *dança dos paraifusos*, entre o *Dabke* e o samba de coco e entre o *shaabi* e o *funk* carioca.

[i] É graduada em Licenciatura em Dança pela Universidade Federal de Sergipe (UFS); começou sua carreira na dança do ventre no ano de 2005, na cidade de Aracaju com a professora Cecília Cavalcante, tendo feito cursos com profissionais como LuLu Sabongi, Brasil, e Didem Kinale, da Turquia. Hoje atua como professora e dançarina do ventre em várias localidades da cidade de Aracaju/SE.

[ii] É Bacharela, Licenciada e Mestre em Dança pela Universidade Federal da Bahia (UFBA); Especialista em Produção de Mídia para a Educação Online (UFBA); Integrante do Elétrico: Grupo de Pesquisa em Ciberdança (UFBA); Exerceu docência no curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Sergipe (UFS); Exerceu tutoria no curso de Licenciatura em Dança na modalidade na distância (UFBA).